

O CENACULO

SUMMULA :

	PAG. :
I ROCHA POMBO, por Silveira Netto	123
II LONGE DE MINHA MÃE, de Arthur Bahia	125
III ALMA PENITENTE, por Dario Vellozo	126
VI GALERIA PARANAENSE, por Leoncio Correia	139
V MIZERERE, por Silveira Netto	143
VI AMERICA DO SUL, por Ernesto Luiz de Oliveira	146
VI O VEGETARISMO, por Alfredo Munhoz	151

Agosto de 1895

—
Paraná-Coritiba

ROCHA POMBO

Alguem já falou dos heroes da lucta intima, dos agrilhoados da Aspiração e da Necessidade ; estes, deixando a vida aos pedaços pelas torvas luras da existencia, não têm como os athletas da lucta de Protheo que a sociedade trava continuamente, o seo martyrio, ou a triumphal explosão do seo animo, sob o baptismo dos amplos dias da vista publica e conservam geralmente ignorado o sinistro tantalismo roaz que lhes zurze o espirito e o sentimento.

Rocha Pombo é um fanatico celebrante do Ideal, perseguido pelas terríveis penitencias da Necessidade, mas na renhida batalha sem tregoa que elle sustenta, muita vez, com a exiguidade do recurso, a sua alma azul de poeta não vacilla, não tacteia, e o artista, crente e resoluto, surge da outra banda do temporal arrefecido com mais uma cicatriz no sentimento, porem com mais uma concepção em trabalho.

Comprehendeo o mancenilhado atavio da sociedade e não quiz dobrar a ella a cerviz de homem votado ao casto luar do Mysticismo e da Arte.

A sociedade é parva e orgulhosa, e aquelles que fazem do cerebro e da alma os unicos bordões de peregrinos da romaria da vida, sem rythmar incensos a toda a fatuidade do mundo, têm o exilio silencioso e purificado, mas onde a tortura material faz tambem o seo ninho, como o vampiro que busca as desoladas fendas de um calabouço.

E' um labutador incançavel.

Tendo começado em um meio completamenie falto de todos os elementos materiaes que movimentassem a imprensa e a litteratura, Rocha Pombo fez-se typographo e conseguiu, a esforços obter resumida officina aonde o seo pronunciado gosto pelo jornalismo e a sua nobre tenacidade fecunda de moço crente e laborioso encontraram o baluarte necessario á cruzada que seo espirito emprehendia ; obtido o prelo, a cidade de Morretes, vio, para logo, o seo primeiro orgam de imprensa, denominado o *Povo*.

Rocha Pombo encerrara na modesta folha caracteristica homenagem á sua terra natal e ao seo seculo ; *O Povo* trazia como principal vitalidade de orientação, a doutrina da liberdade politica da patria brasileira.

Rocha Pombo nascera em Morretes, a 4 de Dezembro de 1857, tendo por progenitores o sr. Manoel Francisco Pombo e a Ex.^{ma} Senhora D. Angelica Pires da Rocha Pombo ; ahí preparara as suas primicias litterarias e, em 1880, veio para Coritiba onde o seo nome começava de ter a consagração do valor patenteado.

Em 1881 publicou a HONRA DO BARÃO, livro que fôra primitivamente chamado ROMANCE DO POVO ; em 1882, DADÁ OU A BÓA FILHA, romancete no molde de *Paulo e Virginia* de Saint-Pierre ; em 1883 apresentou dous livros de mais elevado alcance : A SUPREMACIA DO IDEAL e A RELIGIÃO DO BELLO, livros sobre os quaes disse Chichorro Junior : « ressentem-se de uma tristeza enorme, d'uma especie de fatalismo oriental, que aliás não fica bem elucidado. A RELIGIÃO DO BELLO é d'um melancolismo assombroso. »

Em 1887 publicou a NOVA CRENÇA, a melhor das suas obras postas em publico e que faz honra á litteratura brazileira. É um psalmo riquissimo de poesia, entoado á suave tristeza que enluara as pompas do Oriente, e onde o atormentado mysticismo de artista vibratil e sacerdote da magoa se eleva á bellezas de imaginação de terna sublimidade.

Succederam á NOVA CRENÇA um livro em prosa e verso : VISÕES, e um romance : PETRUCELLO.

Tem promptos um poema em tercetos, intitulado STELLA, e uma obra sobre Linguistica ; e, em preparação, outro poema a que deo o nome de IN EXCELSIS.

E' o mais fecundo e mais erudicto dos escriptores paranaenses e, como prosador e jornalista e orador, o seo logar é entre os da primeira plana.

Casado com a Exma. Sra. D. Carmelita Rocha Pombo e tendo a sua alma de artista illuminada pelo amor paterno, elle faz da Arte e da Familia o seo mundo todo, embalsamado pela crença no Alem.

Emprehendeo a fundação de uma universidade no Paraná ; envidou, para isso, todos os esforços de que dispunha a sua vontade inquebrantavel, conseguindo apenas o terreno para o edificio ; e o nosso Estado ficou, somente, com a idea de uma universidade.

Rocha Pombo é um devoto da esperança e quando as horas

nefastas da vida vêm estrizir as amarguras aportadas a um canto da existencia, e elle ergue a sua alma de artista profundamente mystico, ergue-a ao estrellejamento purissimo da Arte e a magoa que tortura e desola vae, depois, extasiar-nos atra-vez d'aquella pompa clara que caracterisa o seo estylo.

O CENACULO rende-lhe a branca homenagem dos admiradores do talento e do trabalho ; e o seo retrato, um dos principaes ornamentos na galeria dos nossos escriptores illustres, é a consagração do culto immaculo de justiça que professamos, e do cimentado valor que aureola o nome do notavel homem de letras paranaense.

SILVEIRA NETTO.

LONGE DE MINHA MÃE

Sempre que á tarde, no momento quando
O occaso de mil côres se enfloresce,
Do ethereo azul ao coração me desce
Um doce effluvio, as magoas me acalmando.

E' que, eu sei, nesse instante se enternece
A tua alma piedosa, em mim pensando,
E olhas o espaço, e pallida, e chorando ;
Recommendas-me aos céos na tua prece.

Oh ! Mãe ! reza por mim, que tenho medo,
Medo de não voltar mais a teos lares,
—De morrer neste asperrimo degredo !...

Oh ! desta vida ao terminar o trilho,
Que Deos te deixe, tremula, abraçares
O cadaver gelado de teo filho !...

ARTHUR BAHIA.

ALMA PENITENTE⁽¹⁾

CANTO III

A minha alma tem tedio á minha vida, soltarei a minha lingoa contra mim, falarei na amargura da minha alma.

Job—*Capítulo X.*

O' poeta, ó poeta, a alma de Sita
Era irman da minha alma ;
Fòra fadada para minha espôsa . . .
Porque viria, então, o sacerdocio,
Pesado e rijo como enorme lousa,
Lançar-se entre nós ambos,
— Fraudulento divorcio, —
Traçando austeros parallelogrammos ? . . .

Para que serves, lyra nemorosa,
Se a alma do bardo é sempre desditosa
E imaginaria a calma,
A sombria quietude do sepulchro ? . . .

O' magoado coração das mães,
Rubido cofre onde a Illusão palpita,
Para que serve o delicado fulcro
Das vossas esperanças ? . . .
Para que serve o doce olór da rosa ?
Para que serve a tinta das manhans,
E a surdina nostalгica dos ramos,
E o riso das creanças,
E a dolencia subtil dos dithyrambos,
E a cordeal meiguice das irmans ? . . .

(1) Veja o 4.^o fasciculo.

Depois de terminar o cyclo da existencia,
 Regressei da Amplidão á vida errante e varia ;
 Comprehendi toda a maledicencia,
 Toda a infame torpeza extraordinaria
 Das affeções humanas ;
 Senti a mágoa asperrima do pária
 E o lutooso espectro dos nirvanas.

Peregrinava, então, audaciosamente,
 Os paramos do mundo ;
 E por vezes ouvia a surda voz, plangente,
 Dos malaventurados,
 Arrastando na sombra o corpo moribundo
 E a torva cainçalha dos peccados.

Uma noite, ao luar suavissimo e silente
 Da primeira saudade e da ultima oração,
 Como quem vae ao paramo inclemente,
 Desci á terra da Desolação.
 Job repetia á treva a sinistra blasphemia
 De sua immerecida desventura,
 E apostrophava o ventre de uma femea :
 — Da carinhosa e meiga creatura
 Que o gerara entre prantos e sorrisos,
 Alimentando-o das fecundas pomas . . .

— Homens, so vós sabeis dos prejuizos
 Que as injustiças deixam tatalando,
 E conhecéis os morbidos aromas
 Que as illusões chimericas e mansas
 Vão por sobre nossa alma derramando.

Vós o sabeis : — o riso das creanças
 Não dura mais que a vida de uma rosa ;
 O Tempo alveja o negro onix das tranças
 Da joven mais vaidosa ;
 O hinverno da alma tambem cresce a avança...
 E a Morte é sempre uma illusão formosa.

Homens, que importa a derradeira phase ? !..

O Ceo conserva o ergastulo da Magoa
 Constantemente aberto sobre o Mundo ;
 E o pensamento vae de fragoa em fragoa,
 Pelo tumido oceano da Saudade,
 Espedaçando a roçagante gaze
 De suas crenças e de seos desejos
 Nos arrecifes da Fatalidade,
 Como se mao piloto, embriagado e immundo,
 Conduzisse a trireme da Harmonia
 Ao pelago profundo
 Onde resòa a insana vozeria
 De incestuosos e profanos beijos.

Carne, que vales tu ?... Chaga hedionda
 Roe-te as entranas, roe-te o corpo enfermo;
 Não tens um manto que te envolva e esconda
 Aos vermes que te mordem ;
 Nem ha pezares que te não recordem
 A lura esconsa do funereo termo . . .

Carne, que vales tu ?... Somente o Espirito
 Resiste ao rubro assalto da luxuria ;
 E, mais impera, quando o perespirito
 Foge á exangue ephialta da Penuria,
 Foge do Tedio á lepra glacial . . .

E a Alma se evola para o Ceo sereno,
 Monologando affectuoso threno,
 Maravilhosamente angelical . . .

O' Carne,—ó Podridão,—ó Forma Impura,
 —Vil repasto de vermes,
 Vaes descer á discreta sepultura .
 Onde apodrecem lacteas epidermes
 De flava meretrizes
 De carnes capitosas e polpudas,
 E escorre a sanie infecta que transuda
 Da ecchymose senil das cicatrizes.

A amizade sincera,
 Dos mais sinceros e leaes amigos,
 Extingue-se na espessa photosphera
 Da mortuaria estrella dos jazigos . . .

Raro o que vae saudoso e pensativo
 Beijar, chorando, a funeraria lousa,
 E pede ao Ceo clemencia e lenitivo,
 E os labios sobre a pedra achega e pousa.

A heraldica opulencia da Elegancia
 Leva ao Nirvana os frouxos membros lassos,
 Ferindo os arrabis da Ignorancia
 E o tam-tam picaresco dos palhaços....
 A inditosa Innocencia soffredora
 Morde o pó das desgraças da existencia...
 E ha sempre a chufa para a peccadora,
 E falta sempre o pão para a Indigencia !.

Polluta humanidade corrompida,
 Embalde a tua infamia lentejoulas
 E vertes na ossamenta denegrida
 O rubicundo philtro das papoulas !...
 Calcas, embalde, sob as plantas nuas
 A Violeta da mendicidade ;
 Hão de ferir-te as laciniantes puas
 Dos carniceiros da Fatalidade !...

Severa Noite immensa,
 Envolve na dalmatica das trevas,
 Envolve em tua austera indifferença
 As forasteiras levas
 Das gerações humanas ;
 Sudarise-as o crepe da Descrença
 E o lutuoso espectro dos Nirvanas !....

Senhor, só tu comprehendes minhas dôres,
 Só tu lês na amargura da minha alma ;
 Falta-me o aroma virginal das flores....
 —Abre-me o Ceo, me fortalece e acalma !...

Humus,—tu vaes baixar ao thalamo de argila ;
 Fluido,—vaes subir ao seio da Amplidão.
 O hostiario da estrophe envolverei na lila
 Da primeira saudade e da ultima oração....

Sobre a eloquente cruz do Verso
 Desfolharei, gemendo, a coroa da Rima ;
 Arrastarei na Treva a grilheta da Estima,
 Que ao Amor me prendeo e algemou-me ao Universo.

Na esconsa lura do Abandono
 Rolarás, bipartido, ó meo canoro Plectro,
 Como tacito, e infame, e escurraçado espectro,
 Sem fremitos, sem voz, sem cordas e sem dono.
 As estrellas do Azul fitar-te-hão, zombando,
 Fitar-te-hão, zombando, as larvas do Sepulchro ;
 E tu supportarás tanto escarneo execrando,
 Lyra de meo amor, meo derradeiro fulcro !...

Emtanto a Noite, piedosamente,
 Ia a corolla, placida, fechando,
 E a vermelha papoula do Nascente
 O luminoso caule descerrando.

20—Julho—1894.

CANTO IV

Por teo bom pae, de um velho te apiades :
 Mais infeliz do que elle, estou fazendo
 O que nunca mortal fez sobre a terra :
 Esta mão beijo que matou meo filho.

HOMERO—*Illyada*.

Poeta, ha sempre e espectro da Saudade
 Monologando á beira dos sepulchros,
 Ha sempre um echo de infelicidade
 Nos corações mais castos e mais pulchros ;
 A Dor é sempre a mesma dor vehemente
 Das antiphonas sacras e profanas ;
 O Sortilegio é sempre transcendente,
 Desça dos anjos, suba das mundanas.

Quer no Espaço ou no Abysmo, a Dor existe :
 A Dor é o patrimonio do Infortunio.
 —De que te serve, coração tão triste,
 O macerado olhar do Plenilunio ?
 Que te importa a caçoula rubicunda
 Com que tinge o Oriente as madrugadas ?
 Não medram alegrias infecundas
 Nos europeis das illusões fanadas.

Encontrarás á sombra dos carinhos
 A piscina das lugubres tristezas,
 No gracioso ergastulo dos ninhos
 Pipiladoras aves indefezas ;
 Em cada coração residuo amargo ;
 Nas lagrimas o espectro do Desejo.....
 E as lethargias lámures de Dargo
 Nos escrinios reconditos do Beijo.

Nunca a Ventura poude ser completa :
 Estilha á Crença o mangoal do Agouro....
 As phalenas dos sonhos do poeta
 Ankylosam na Angustia as azas de ouro....
 Ruem na Treva meigas esperanças,
 Soluçam sempre as naiades do verso ;
 E as Illusões, harmonicas e mansas,
 Seguem do Exilio o tramite diverso.

O Pranto fertiliza os Canticos e a Prece,
 Sejam trovas de amor ou psalterios de monge.
 No paiz da Illusão tambem neva e anoitece....
 E o Ceo, Poeta, fica sempre longe !...

Vem da ignota região phantastica do Mytho
 O Destino que exhaure e a Morte que liberta....
 A Vida tambem cinge estreito sambenito,
 Se atravessa do Exilio a savana deserta.

A Saudade distilla os philtros da saudade
 Na caçoula subtil de uma reminiscencia.
 E custa o preço de uma eternidade
 A merencoria flor da Experiencia !...

Chrysallidas da Infancia,
Mariposas das noites conjugaes,
Quem vos sorve a fragrancia ?
Quem vos infiltra toxicos fataes ?

Quem vos profana o berço ?
Quem vos conduz ao tumulo severo ?
—Dizei-o, Menestreis, no verso terso !...
Dize-mo, nobre e infortunado Homero !...

Tu,—que fadado pela Desventura
Foste,—e soffreste acerrimos insultos
De impiedosas gentes ignorantes,
E dedilhaste o plectro grandioso
Sob a pressão de magoas lacinantes ;
Rhapsodo, illuminado
Pelo rubro santelmo da Loucura ;
Filho extremoso e malaventurado,—
Cantor dos sanctos e divinos cultos ;
Patriota exaltado ;
Bardo guerreiro e trovador saudoso :
Deixa que eu siga as péginas sonoras
De tuas odes regeneradoras.

Filho,—que a Sorte fulminou no ventre ;
Pae,—que não vio a face dos filhinhos !...
Quem,—por mais que medite e se concentre,—
Dirá na estrophe amorosa
A pastoril dulçurosa
Da floração dos Berços e dos Ninhos ?

Palmilhavas a Ionia....
Acompanhei-te a sombra forasteira....
E, quantas vezes ! rispida acrimonia
Vinha-te aos labios, imprevistamente,
Sob o cariz da trova lisongeira ! . . .

E, quantas vezes ! o cilicio ardente
Da Mizeria e da Fome
Arroxaveya-te os frouxos membros lassos,

Quando, alquebrado e só, ias chorando
 A ingratidão sem nome
 Que te seguia os passos
 Vociferando e tintinambulando.

Homero, austero bardo da Desgraça,
 Sob a mortalha de teos infortunios
 Quantas vezes cantou, meigo e dolente,
 O terno rouxinol dos Plenilunios ! . . .
 Quantas vezes a dulcida Esperança,
 — Echo de um beijo que cicia e passa, —
 Adormeceo misteriosamente
 No mesmo berço leve e omnisciente
 Que te embalou os sonhos de creança ! . . .

Quantas vezes, poeta, idealizaste
 Um paraizo de intimas venturas,
 E a magnolia do Pranto desfolhaste
 Junto dos Berços e das Sepulturas ! . . .

O Destino é tão vario ! . . .
 Tão caprixosa e inconsciente a Sorte ! . . .
 — Quem poderá traçar o itinerario
 Das Creatures e das Gerações,
 Tenha embora o phanal dos corações
 E a nycticora bussola da Morte ?

Poeta,—o velho cego legendario,
 Sempre incomprehendido e forasteiro,
 Teve por louros misero sudario,
 Teve por throno o mar hospitaleiro
 Que inda hoje o embala compassivo e terno
 E a flor da espuma esfolha-lhe na tumba,
 Ou quando sobe a vaga aos pés do Eterno,
 Ou quando o vagalhão ruge e retumba.

A Grecia dorme o sonno de finados,
 Mas o Olvido não pode amortalhal-a :
 Viverá nos accordes inspirados
 Com que o bardo de Chios soube exaltal-a :
 Viverá na Epopea deslumbrante,
 No deslumbrante coração da Historia ! . . .

E o poeta de Chios, agonisante,
Arrastou a existencia transitoria !...

Sarcasmo do Destino !...

Mata o Poeta e immortaliza a Obra !...
Apenas o Luar diamantino,

Como um sino de prata,
Sobre a campa reflecte e a mortos dobra,
Quando o Azul na Oceano se retrata
E a Noite estende o crepe estrellejado
Sobre o immoto cadaver do Planeta,
Agrilhoando em pyxida calceta
O Futuro ao Passado.

Elle, Poeta, que cantara o affecto
Que attrae o filho ao coração dos paes,
Calcando na alma o labaro secreto
De desditas fataes ;
Elle, que tinha as veneraveis cans
Brancas e puras como a Castidade,
E deificava as lagrimas das mães
E os merencorios lyrios da Orphandade :
Quantas vezes ouvio chalaças reles
De torpes hystriões anababados,
E de bastardas, hybridas Cybelles
Os rispidos labeos enxoavalhados !...
Quanta vez, á caricia das Estrellas,
Acordou resupino e vagabundo,
Elle,—que na thiorba tinha um mundo
E um paraizo para recebel-as !...

Dorme, descança, Homero !... O dardo fratecida
Não te abrirá no peito uma larga ecchymose ;
Nem a dextra fatal de uma mulher perdida,

—Sob a Amplidão silente e calma,—

Traçará infamante apotheose,
Polluindo o hostiario de tua alma
Na celagem funambula da Vida.

Em quanto pelo Azul voejem mariposas
No cortejo feral dos Astros e das Luas,
As desvalidas mães e as miseras esposas,
Cheias de dó pelas desgraças tuas,

Irão chorando piedosas,
Sanctificadas pela Gratidão,
Desfolhar no teo leito as brancas rosas
De supplice oração.

2—Dezembro—1894.

CANTO V

Son âme fut triste jusqu' a la mort.
ERNEST RENAN — *Vie de Jesus*.

O Christo foi, tambem, um martyr da Ventura:
Pregava o Amor : e o Amor calcinava-lhe o peito . . .
Tinha na alma a Illusão, que alimenta a Loucura,
E a abantesma feral de um passado desfeito.

Abafava o ruclar de uma doce phalena
Que lhe apontava o ceo de uma emoção suave . . .
E, chorando, calcava o amor de Magdalena,
Bâtendo o coração contra o asphalto da nave

Do Superno Dever, da Esperança Intangivel,
— Sombras que vão dormir no Josaphat da Crença,
Envolvendo o Luar do Supremo Impossivel
Em crepes de tristeza e de saudade immensa.

Ó Christo, ó Sonhador ! . . . alma antiga de asceta,
Que sublime perdão no teo olhar tristonho ! . . .
— Porque a Dor será sempre um poderoso athleta,
E as meigas Illusões um calvario do Sonho ?

Piedosa alma compassiva,
Cheia de affecto e mansidão ;
Alma celeste e primitiva,
Genuflexada e rediviva
Nos sitiaes do Coração ;
Piedosa alma compassiva,
Cheia de affecto e mansidão ! . . .

Foi-lhe a existencia um labyrintho
Emmaranhado de torturas....
—O' sonho extinto, ó sonho extinto,
Que importa a lagrima de absintho
Filtrada em negras sepulturas,
Quando a existencia é labyrintho
Emmaranhado de torturas?...

Que vale o olhar de uma creança
Consoladora e lyrial,
Quando o hostiario da Esperança
Já não distilla a prece mansa,
Já não conserva a luz astral?...
Que vale o olhar de uma creança,
Se a alma do Beijo é trivial?

A Terra é lugubre savana,
Onde só medra urze damninha....
Segui, sombria caravana!....
Que importa o espectro do Nirvana,
Quando o sepulchro se avisinha?...
A Terra é lugubre savana,
Onde só medra urze damninha.

Quem salvara o Rabbino?
Quem lhe arrancara aos cravos do suppicio?
Tombou vencido por fatal destino,
Ecchymosado por cruel cilicio.
Apenas a paixão de Magdalena
Psalmodiou-lhe um beijo derradeiro,
—Amor de lyrio e de açucena,
Cantando a estrophe do perdão primeiro.

Somente a gratidão da arrependida
Rezou-lhe as litanias da Saudade,
Ella somente lhe encantara a vida,
—Orphan do Beijo e da Felicidade;
Ella somente envenenou de tedio
Toda sua alma de extremosa monja,
Desenrolando os crepes do Epicedio
Por sobre o altar de bronze da Lisonja.

Comprehendera a misera profana,
 Agrilhoada á cruz do ultimo affecto,
 Toda a nobreza, excelsa e soberana,
 Do Mystico Jesus, casto e discreto ;
 Interpretara intelligentemente
 A alma sublime do esforçado morto,
 E o vago aroma omnisciente
 De seo piedoso e dulcido conforto.

Os ideaes do Irmão dos Desvalidos,
 Sacrificado á Luz pela Ignorancia,
 Germinaram nas hostias dos gemidos
 Elevadas nos tumulos da Infancia ;
 Germinaram nas noites dos ascetas,
 Nos rituaes da Crença agonisante,
 E na lyra dos lvidos poetas,
 Sempre saudosos de um paiz distante.

Hoje, o martyrio do Calvario
 E' sempiterna apotheose ;
 E a Cruz aponta o itinerario,
 Sempre longinquo e sempre vario,
 De uma nevrose....

Hoje, a esperança da Indigencia
 Revòa aos solios da Amplidão ;
 E, nos psalterios da Innocencia,
 Tilintam preces de indulgencia
 Os menestreis do Coração.

A Morte é o negro presbyterio
 Dos torturados do Intangivel . . .
 Ha sempre a sombra de um mysterio
 Nas litanias do psalterio
 Do Incognoscivel.

Que importa a neve algida e fria
 De uma existencia que se vae ? . . .
 — A Morte é o fulcro da Agonia. —
 Que importa a neve algida e fria
 — Almas de monge, meditae ? !

O coração, tambem, conhece a pua
 Das tristezas que gelam
 A nuvem de ouro que no Azul fluctua
 Reflecte as neves brancas que regelam . . .

O Christo foi um martyr da Ventura....
 Sonhara um Eden de intimos carinhos,
 De almas, consolações vivificantes ;
 Sonhara entretecer berços e ninhos
 De risonhas blandicias mitigantes ;
 Sonhara um paraizo de conforto
 Para os Monges da Mágua e da Tortura....
 Sonhara tanto !... tanto !...

E foi tombar como um cypreste morto,
 Na lustral suavissima do pranto !

Deo-lhe o Calvario a sagracao da Morte....
 Abrio-lhe a Cruz os braços desolados....
 E Elle,—sublime, grandioso e forte,—
 Unio á Cruz os membros flagellados.

Romeiro de uma crença peregrina,
 Desprezara os triclinios dos prazeres,
 Cerrara a bocca aos beijos das mulheres.
 Cerrara o olhar ás eclosões do Amor ;
 Viuvo de uma esposa estremecida,
 Ferido da injustiça que assassina,
 Seguiu sosinho o tramite da vida.
 Anachoreta da Suprema Dòr.

4—Julho—1895.

DARIO VELLOZO

GALERIA PARANAENSE

MORTOS

IV

MANOEL PERNETTA

A esperança foi sempre a doce companheira dessa organização delicada, dessa alma meiga e viril, energica e bòa. E foi na esperança de obter melhoras que elle succumbio na serra da Esperança.

Partio para a grande e tenebrosa jornada quando principiava a afinar a lyra ; lyra de uma encantadora delicadeza, como claramente dil-o este soneto, um dos poucos que deixou, e, como os demais, repassado de sentimento, trabalhado de arte :

LUZ E TREVA

Quando na escura treva do meo quarto
Abro a janella, e a luz se derramando
Deixa-me cégo e deixa-me tão farto,
E farto e cégo em risos me banhando . . .

Corro, me escondo, pelo mundo parto
Vendo-me só da escuridão falando,
Em sonhos vou correndo, vou buscar-t' o !
Para que encontre a aurora te adorando . . .

E chego . . . e no delirio . . . ó flor tão linda !
Ae ! que tristeza ! é quasi noite ainda
Por tudo ; a escuridão o céo alaga . . .

E volto desolado, e volto triste
Dessa alegria pallida, que existe
Na luz do dia, mas que a noite apaga . . .

Nessas quatorze linhas descobre-se com facilidade o germen de um Poeta de raça, apaixonado da Forma, que procurava movimentar o verso, sonorisando-o, dando-lhe calor, dando-lhe vida, dando-lhe alma . . .

E torturava-o a divina idiosincrasia da còr da estrophe, do som do retintin musical da rima, da perfeição da factura do verso. Era uma doce alma illuminada, banhado de subitos livores da loucura do Sonho, e que, arrastando a grilheta do Sofrimento, viria a ser um captivante Poeta lyrico, se não cerrasse os bellos olhos brilhantes de phtysico por uma tarde de verão, o poente em fogo, o alto rutilante como uma lamina de aço, longe dos irmãos, longe dos amigos, com o coração cheio de um crepusculo mais triste, mais solenne, mais melancholico que aquelle que lhe recebeo o derradeiro suspiro de moço, o ultimo alento de vida . . .

V

CLARIMUNDO ROCHA

Está quasi de todo esquecido o nome deste nobre e distin-ctissimo mulato, um dos mais bellos e saudosos companheiros dos bons tempos do Lyceo. Para desgraça minha, e maior desgraça ainda do inditoso patricio, seos versos surgiram como meteóros n' *O Reverbero*, orgam do Club dos Estudantes, e que de tão rápida duração foi. Entretanto, não está tudo perdido. Um amigo e mestre de Clarimundo cedeo-me gentilmente um caderno cheio da sua letra miuda e caracteristica, no qual, entre pensamentos de diversos grandes luminares do espirito humano, ha umas cinco paginas de pensamentos seos.

Que os leiam as pessoas que não o conheceram para avaliar do tão espirito do illustre paranaense ; e igualmente sejam lidos por aquelles que foram seos amigos, que lhe admiraram, em vida, o talento e as virtudes, fazendo dessa leitura a invocação de sua figura tão exquisita e tão sympathica !

Eis-os :

As acções são como o espelho : nellas se vê a pessoa estampada.

A amizade é um elo entre duas almas que se communicam
O amor é o interprete entre duas almas que se combinam.

O progresso é a fuligem dos seculos.

O talento é o unico distintivo do homem.

A melhor esposa é aquella que menos se occupa com seos adornos.

A desgraça nos descobre os amigos.

Oh ! infancia ! tempo de brincos e prazeres innocentes, de lagrimas e sorrisos favoneos ; mar sereno, horizonte sem nuvens, nauta tranquillo, cujo pharol é essa creatura divina que a lingoagem resume com o nome de Mãe !

—
E, além desses, muitos outros pensamentos que estereotypam a alma pura e valorosa desse que se finou obscuramente na grande cidade brazileira, para onde fôra attrahido pela nobre ambição de volver á sua terra só depois do tirocinio academico, cheio de sonhos de consolação para os enfermos, cheio de planos de beneficios para a pobreza, que agonisa diariamente nas ante-camaras da Morte...

VI

JUVENAL MARTINS

Foi para mim mais que uma surpresa ; foi uma revelação a leitura que fiz dos versos inéditos de Juvenal Martins. Não tive a ventura de conhecer esse bello espirito tão precocemente arrebatado do convivio humano ; mas que julgo, pelas estrofes que ahi vão, cheias de sentimento e de harmonia, digno da minha admiração, e dessa estranha saudade que sentimos por sombras, por logares, por mulheres vistas atravez do extravagard da nossa imaginação.

Escutem esta deliciosa concertina :

PORQUE TE ESQUIVAS ?

Porque te esquivas tu, si te amo tanto ?
 Porque do teo affecto, ó flor, me privas ?
 Se minha paixão palpas no meo canto,
 Gentil, porque te esquivas ?!...

Não conheces o amor ? Nunca teo peito
 Sentio da ardente Italia as paixões vivas ?
 Se sabes quanto dóe-me teo despeito,
 Gentil, porque te esquivas ?!...

No jardim nunca viste os malmequeres
Beijando longamente as semprevivas ?
Ah ! são beijos de amor, que tu não queres ...
Gentil, porque te esquivas ?!...

Desce dos ceos azues á negra terra !
Corre os mattos, os campos, as estivas,
E verás quanto amor o mundo encerra,
E que só tu te esquivas ...

Ouve a historia de amor do passarinho :
Num ramo, flor, maviosas patativas
Tecem, cantando, o perfumado ninho ...
E, tu, porque te esquivas ? ...

—Se tua alma é de neve, e, nella inflammo
Dos meos amores as legiões captivas,—
De me dizeres :—Poeta, a ti não te amo,
Não sei porque te esquivas ...

E, depois, é necessario que se saiba do meio em que vivo
esse bardo suave, bem como os autores que conhecia, afim de
se poder julgar com acerto da espontaneidade do seo estro.

Foi feliz,—quem sabe ?—esse Poeta simples e melodioso
como o canto das aves, cuja lyra emmudeceo antes que o sopro
frio do hinverno lhe estalasse doloridamente a corda derradeira ...

LEONCIO CORREIA.

MISERERE

A ANTONIO BRAGA.

A muzica é o sentimento humano desfeito em notas, como a Via-Lactea se desfaz em astros.

* * *

O sofrimento é a elegia do Ser.

* * *

A extranya muzica nevrotica do sentimento amargurado foi ouvida pelos morosos echos da solidão, que a repetiram lentamente como soturnas badaladas de um bronze mortuário.

* * *

E o mundo conheceo, pela voz dos echos, o soluçado *tremolo* dolente das nostalgias que fazem chorar.

* * *

Era um doloroso miserere de fibras torturadas entoando, na asperrima necropole de um coração deserto, as litanias da misa negra da Vida.

* * *

Era a ciliciada muzica de um *nocturno*.

* * *

O sombrio *nocturno* do desespero repetindo a ultima queixa de Werther ensanguentado, e a primeira canção do desvario de Ophelia coroada de flores, de rosas loucas talvez.

* * *

O coração estertorava n'uma sinistra floração de rubras chagas palpitantes, enquanto a roxa clepsydra da magoa escoava horas no insano fluxo e refluxo da existencia.

* * *

E o tintinambulado miserere de fibras doudo proseguia :

PRIMEIRA FIBRA

A gaze de treva que se derramava esguia pela fronte das viuvas contaminou-me a existencia monacal, substituindo o cingulo, branco da luz de estrellas, da minha alva macerada.

SEGUNDA FIBRA

Como as mulheres da Biblia, alço o olhar ás alturas ; porem elles não tinham, como eu, um catafalco d'entro do seio.

TERCEIRA FIBRA

Tambem o meu olhar é prezo ao olhar dos astros, porque o olhar dos astros brilha como brilham as minhas lagrimas.

QUARTA FIBRA

A lagrima é a lingoagem da desventura, e só a entendem os debruçados na Dor como as longas e desmaiadas estatuas dos tumulos ; a desgraça fel-a assim para occultal-a ao hediondo trasgo da parvoice do mundo.

O CORAÇÃO, (*estertorando*)

Eu sou a esphinge da Dor.

AS FIBRAS (*compungidas*)

Não é mais coração, nunca mais...

O inclemente caustico das urzes de Jean Valjean e o rouco rumor pezado das pedras de Sysipho, debandaram a fulva revoada de beijos de que elle era o perfumado ninho.

O CORAÇÃO

Estendeo-se dentro das minhas paredes de calabouço a monotonia do deserto, como um grande bocejo da amargura.

QUINTA FIBRA

A celagem biblica da mysteriosa candura da Fé, desfez-se como os rutilos gelos do hinverno ao luminoso vigor do sol.

O CORAÇÃO

E julgaes rezar ao purissimo alampadario eterno das almas, ó cenobitas do Nada ! entretanto, choraes apenas ao supremo vacuo das alturas.

SEXTA FIBRA (*sentindo a tristeza do coração*)

Elle vê no espaço o frio abandono de sepulchros antigos, que o desola.

AS OUTRAS FIBRAS

E' porque a nossa alma olha pelos nossos olhos.

SETIMA FIBRA

A tortura é um phantasma, e os phantasmas são a nevrose da solidão, movida pelo tedio.

AS FIBRAS (*em supplica ao Infinito*)

Os nossos labios dizem palavras sem còr buscando uma phrase de crença, e a febre de Job responde queimando os nossos labios.

O CORAÇÃO

O sangue da blasphemia tem a còr das agonias.

AS FIBRAS

E a alma desolada e solitaria sente-o, dia a dia, ecchymosando-lhe as preces.

O CORAÇÃO (*gemendo*)

Chora-me no intimo o olhar vasio dos nichos orphãos que se esboroam nas pretas ruinas esborcinadas.

AS FIBRAS

Não ; o que chora n'elle é uma saudade tremula e abatida, como devota monja amaldiçoada.

O CORAÇÃO

E' uma saudade immensa que atravessa o meo dezerto de lagrimas, chorando os funeraes do meo amor.

SILVEIRA NETTO.

NOTAS

Sobre a configuração physica da America do Sul 1

II

A Terra é modelada e governada por um conjunto de forças naturaes.

O mesmo trem de ferro, que hoje se prolonga até muito longe pelo interior do Estado, nos leva, depois de subir a Serrinha, aos Campos Geraes, onde se acham as cidades da Lapa, Ponta-Grossa e Castro e as florescentes villas da Palmeira, Tibagy, Jaguariahyva, Pirahy, etc. Os habitantes d'esta vasta planicie, dedicam-se quasi exclusivamente á industria pastoril, no que são ajudados pelos esplendidos campos ; respiram um ar puro e agradavel, sempre renovado pelos Alizios Geraes ; o clima é bastante regular e as chuvas são periodicas e abundantes no Verão.

A superficie do solo apresenta ligeiras ondulações, cujos pontos mais baixos são ocupados pelos formosos lageados, cujos leitos pouco aprofundados são forrados de alvissimas pedras e nos revelam a pouca edade da planicie.

As aguas desses regatos são inteiramente crystallineas e de uma agradavel frescura.

Antes de irmos adiante digamos alguma cousa sobre as rochas em geral ; todos sabemos que o elemento fundamental das rochas é a *silica*; um de seos compostos o *acido silicico* ; em sua forma de pureza absoluta crystallisa-se e o *crystal de rocha* ou *quartz* é das rochas eruptivas a mais simples e largamente espalhada no Paraná d'entre suas variedades mais notaveis temos encontrado sobre tudo na Serra da Esperança, o *quartz commun*, a *calcedonia*, que de uma mistura de *quartz* *crystallizado* e *silica* desorientada, as *agatas* que são as calcedonias, quando a tendencia para o estado crystallineo as obriga a formar capas superpostas, o *silex* que é a mesma calcedonia muito compacta e inteiramente confusa ; (estas rochas abundam tambem nas

1 Veja o 3.^o fasciculo.

regiões costeiras); o silex por sua vez, quando impuro, toma o nome de *jaspe*; de cada uma d'estas variedades encontrámos lindissimas amostras que estão colleccionadas no Museo de Coritiba.

A silica combinada com os oxydos dos metaes mais leves (*o aluminium, o potassium, o sodium, o calcium*) conhecidos *aluminio, potassa, soda, cal* forma os *feldspaths*.

As rochas da Serrinha tem por base os *feldspaths* principalmente os que provem da silica combinada aos compostos de *calcium*, ao passo que, nas proximidades de Castro e Ponta-Grossa o elemento calcareo predomina inteiramente.

Nas partes costeiras do *mar* a abundancia do ferro e do magnesium deo um outro caracter ás rochas: a combinação d'estes metaes com os *feldspaths* forma a *mica*, um dos elementos preponderantes nas rochas dos logares citados.

A mistura desses elementos crystallisada forma o *granito* do qual temos no Museo do Paraná lindissimos exemplares, arranjados com grandes sacrificios e nemhum auxilio do Estado.

São ainda esses trez elementos, misturados em proporções diversas que formam as rochas mais largamente espalhadas. As rochas sedimentares tomam nomes conforme o predominio de um ou outro elemento; ellas podem ser: *arenaceas* como o gres nucaceo, os arkozes etc; argilosos como os *chistos, alouzu*, etc; calcareos como o marmore, a pedra lytographica, as rochas oolíticas, os calcareos siliciosos, etc, etc; de todos estes generos temos encontrado exemplares e no mappa geologico que apresentaremos no fim d'este trabalho indicaremos os logares.

Nas vizinhanças de Ponta-Grossa ha uma terra finissima, parecida com o kaolim; porem supponho ser producto da decomposição das rochas graniticas pela accão dos agentes atmosfericos; em outro ponto encontrámos kaolim puro e de muito boa qualidade.

Deixemos o estudo directo das rochas por um pouco para fixar nossa attenção sobre o aspecto sob que ellas se nos apresentam, e a disposição que ellas tomaram; e as zonas em que uma ou outra especie predomina, ou a distribuição das rochas indicaremos melhor no mappa.

Todas as pedras que encontrámos nos Campos Geraes pela mesma forma que as da Serra do Mar são lascadas bruscamente se encontrando algumas lascas bastante distantes dos pontos de que se originaram.

Em um campo, situado entre a cidade da Lapa e a villa da Palmeira, existe uma grande quantidade de montões de parale-

lepipedos apresentando todos mais ou menos as mesmas dimensões; as pedreiras de onde elles se originaram estão talvez a mais de trez legoas longe desse ponto, e, não resta a menor duvida que esses paralelepipedos são seixos rolados como adiante veremos claramente.

Bem perto da cidade da Lapa essa fenda de pedras nos dá um assombroso exemplo : imagine o leitor uma enorme pedreira de mais de dous kilometros de comprimento, sobre um de largura, apresentando uma fenda cujo comprimento é aproximadamente 400^m sobre 20 de profundidade e no maximo dous de largura ; a fenda foi produzida bruscamente e não é devida a um movimento subterraneo por que tem a parte mais larga para baixo.

Essa fenda não é a unica que existe no Paraná; são semelhantes a ella os estreitissimos leitos, produzidos tambem violentamente, por onde passam os rios Iguassú, o Itararé, o Assunguy, o Paraná etc, o primeiro no Registro velho, o segundo no Itararé, o terceiro no Salta-veado e o ultimo no famoso Salto das Sete Quedas.

Em qualquer destes logares os enormes rios citados passam entre margens, a tal distancia uma das outras que um veado salta duma a outra, bastando para isso que esteja accossado pelos cães dos cassadores.

A' Leste da Lapa está no lombo de uma serra a Pedra Grande, semelhante a uma enorme cabeça humana, tetrica, olhando para o Oriente.

Pelo campo se encontram lascas espalhadas até mais de 600 metros, que d'ella se apartaram.

Vemos o mesmo phenomeno as pedras de Jaguariahyva e Palmas ; portanto a mesma causa que fendeo as pedreiras da Serra do Mar actuou paralellamente sobre todo o Paraná.

Não podemos deixar de attribuir esse facto a uma grande massa de gelo que cobrio o Paraná ao mesmo tempo que outras identicas, cobriram a Europa e os Estados Unidos d'America do Norte.

Um dos mais interessantes effeitos da formação do gelo, é que qualquer volume d'agua aumenta de quasi um terço ao tomar esse estado, e é tal a força de expansão que então se desenvolve que mesmo se o mais grosso canhão estiver cheio d'agua e essa agua se gelar, o canhão se romperá infallivelmente.

Supponhamos agora identico phenomeno passado sobre as pedras; se elles estiverem empregnadas d'agua e essa agua se congelar, o augmento de volume occasionará as fendas das

grandes pedreiras e o completo estrangulamento das pequeninas pedras.

Tal foi a causa que produzio a fenda da Pedra-partida, os estreitissimos leitos dos rios que acima citámos e as fendas das rochas da Serra do Mar.

Conclue-se facilmente que esse facto contribuiu muito favoravelmente para aumentar a cainada estratificada pela decomposição das pequeninas pedras, devendo o Paraná a elle em grande parte a fertilidade agricola de que goza. Pela grandeza dos effeitos se pode avaliar a grandeza da causa que os produziu e é assim que ainda hoje se avistam em todas as pedreiras da Serrinha, Jaguariahyva, Tybagy, etc., os traços horisontaes e paralelos deixados pelas diversas alturas a que attingia a superficie das aguas, provenientes da fuzão dessas geleiras ; esses traços nos mostram quanto elles eram volumosas e quão grande foi a influencia dellas sobre a configuração que actualmente nos apresenta o Paraná e muitos outros estados do Brazil que estiveram subjeitos á mesma influencia.

Com tudo não ousariamos afirmar que o Paraná esteve coberto por grandes geleiras e contrariar assim a opinião de naturalistas, se não tivessemos numerosas outras provas desse facto.

Sempre as correntes de agua conduzem pequenas pedrinhas que pelo atrito não perdendo suas formas angulosas, tornando-se inteiramente redondinhas, no fim de algum tempo, e por essa razão, são conhecidas por *seixos rolados* ; estes seixos que somente se formam no fundo dos rios se acham espalhados por cima das cochilhas dos Campos Geraes, por cima da Serrinha etc ; sem duvida, elles não se formaram no logar onde se encontram e só poderiam se haver espalhado por essa forma envolvidos em blocos de gelo fluctuante ; na verdade, o gelo tem menor densidade que a agua e sempre fluctua. O mesmo facto se deu com o transporte dos parallepedos e das lascas das pedras de que falamos acima.

Os naturalistas dizem, com razão que somente a presença dos seixos rolados é sufficiente para caracterizar a accão das geleiras.

Consideremos agora a enorme extensão e poder desse grande phemoneno geologico : quasi toda a America do Sul ficou coberta de enormes montanhas de gelo, com excepção das que estavam cobertas pelo mar terciario ; se desenvolveu energia sufficiente para abrir nas rochas fendas como as da Pedra Partida como a do Salta-veado capaz de tragiar um rio de mais

de 700 metros de largura como a do Registro Velho por onde passa o Iguassù e as não menores do Itararé e das Sete Quedas.

Os pequeninos seixos muito socegados no fundo dos rios foram de lá arrancados e espalhados pelos cimos das coxilhas e depois de todo esse gelo fundido um immenso mar cobriu os Campos Geraes e os campos de Guarapuava e Palmas, mar esse cuja superficie occupou as alturas marcadas pelos traços horizontaes e paralelos das pedreiras.

A Villa Velha fica situada entre Palmeira e Ponta Grossa na mesma cordilheira da Serrinha.

O leitor julgará que se tracta de uma povoação; porém o logar de que falamos tem o nome de Villa Velha porque as pedras, umas lascadas pela formação do gelo em suas entranhas, outras levantadas pelos blocos fluctuantes, tomaram alli disposições inteiramente semelhantes a ruas, praças etc., aqui está preparado caprichosamente um pedestal para collocar-se uma estatua, alli levanta-se uma bem talhada columna etc.; em certo ponto quasi sobre a entrada de um lado sahe uma ponta de pedra correspondente a outra ponta de pedra que sahe de outro lado da rua natural e entre as duas pontas está equilibrada uma grande pedra que ao menor toque se move; não obstante, subimos em cima d'ella, um pouco vacillantes e medrosos e vimos que estava perfeitamente firme.

Tal é resumidamente a Villa Velha que nós, de bom grado chamariamos villa do dr. Grillo, em attenção ao sabio italiano d'esse nome, morador da Palmeira, que primeiro estudou esse logar fornecendo preciosos dados sobre a *theoria das geleiras* de que é fervoroso e ilustrado adepto.

Muitos factos, alem desses, poderíamos citar para confirmar a theoria exposta, como os grandes fossos que existem perto da Villa Velha, e rio das Areias, etc.; porém, apezar de não tracarmos delles com minuciosidade, faremos referencias bastante explicitas.

Supponhamos agora o degelo feito, vejamos os limites desse grande lago e sigamos o caminho d' essas aguas.

Quantas cousas interessantes existem ainda, que apezar dos nossos maiores esforços e inaudictos sacrificios, não nos foi possivel observar; ora faltavam meios de locomoção, ora instrumentos scientificos, necessarios para estudos desse genero; e assim mesmos não vamos deixando embalar por esse capricho da sorte.

O VEGETARISMO

Logo que li uma breve noticia sobre o assumpto que faz o objecto da importantissima these, sustentada perante a Academia de Medicina do Rio de Janeiro, pelo Sr. Dr. Saldanha Sobrinho, não pude furtar-me ao prazer, não pude sopitar o entusiasmo, de mistura com uma natural curiosidade, e pressuroso procurei obter um exemplar de tão precioso trabalho.

Eu, apenas de outiva, mui vagamente, sabia que existia o sistema chamado *vegetarismo*, hoje uma verdadeira seita que conta inumeros proselytos; uma vez apenas, depois, passei a vista sobre uns excerptos, que, por acaso, vieram-me ás mãos, a respeito dessa nova idea, que muito deve preoccupar a attenção, não só dos hygienistas, como de todos que seriamente se interessam por si proprios e pelo bem da Humanidade. Sim, porque o *vegetarismo*, encarado pelo lado economico, moral, physiologico ou pathologico, é digno de ser estudado.

Quando digo *nova idea*, não pretendo desconhecer que ella tem suas raizes em tempos idos, e sim porque só hodiernamente está sendo abraçada e discutida.

E quantas ideas, que *parecem novas*, já foram por nossos antepassados postas em practica !

A civilisação tem insensivelmente desviado o homem de seo alvo primitivo : pouco a pouco o espirito, dominando a materia, nem por isso deixa de olhar, de vez em quando, para o passado. Parece que se é attrahido para alli por *alguns germens* de salutares emprehendimentos que ficaram atrophiados ou estacionarios.

Como dizia eu, fiquei tomado de sincero jubilo ao saber que um meo muito estimado conterraneo foi o primeiro a esposar, para objecto de sua esplendida these de doutorando—o *vegetarismo*, assumpto que parecerá a muita gente, quem sabe ? uma utopia, uma concepção paradoxal ou esquipatica.

Mas que tem isto ?

Como ha tempos disse um proiecto Professor Academic, parodiando Eugenio Veron, o delicado burilador do pensamento esthetic :—não têm sido infructiferas as diversas conjurações do espirito humano, para que a sciencia occupe, no mundo, o logar a que tem direito.

A rotina e os prejuizos, mantidos no circulo de ferro traçado pelo clero e pelos reis, determinaram, por cerca de um seculo, a marcha progressiva do genero humano!

Foi muito essa moratoria cheia de sombras, de erros e de perseguições sanguinolentas, para que se pudesse operar a evolução das ideas, isto é,—o reconhecimento da importancia e utilidade das *descobertas anteriores*, no ponto de vista dos beneficios que delles deveriam resultar para a humanidade....

De mais, estudar uma cousa para provar que ella não é real, é mais logico, mais digno do que lançal-a ao ridiculo ou regeital-a sem havel-a estudado.

E assim pensou, e assim procedeu o illustrado Dr. Saldanha Sobrinho.

Elle, com louvavel franqueza e apreciavel modestia, declarou que, *não sendo em absoluto adepto do « Vegetarismo »*, limitava-se a fazer um estudo critico sobre o assumpto que escolheu para sua dissertação academica.

Mas fêl-o tão profcientemente, tão minuciosamente, que desse notavel trabalho emana abundante manancial de luzes, abrindo franco ádito para um terreno ainda muito desconhecido.

Elaborou, quiçá sem pretender, um verdadeiro *Tratado sobre o Vegetarismo*, que deve ser lido por todos.

Não é meo intuito, longe disto, vir trazer para aqui minha humilissima opinião sobre uma questão, verdadeiramente um problema, attinente á hygiene dietectica : falta-me de todo, para isso, qualquer subsidio scientifico, e nem, ao menos, tenho nesse sentido a experientia propria.

A quem gastou cerca de vinte e oito annos—justamente nessa phase da vida em que o vigór da edade e o entusiasmo pela leitura instructiva, são factores indispensaveis para a aquisição de cabedal de erudição ;—a quem só teve, por elucubração constante, o manusear da enervante, árida e assáz diffusa legislação de Fazenda—que competencia, digo, poderá assistir para se immiscuir em cousas que sahem fóra da esphera de seos escassos conhecimentos?

E', pois, simplesmente a expansão dos sentimentos já externados, que me move a escrever estas poucas e rudes linhas sobre tão momento assumpto, valendo-me, para isso, unicamente de alheios e competentes juizos que veem em apoio da feliz inspiração que teve o distincto paranaense, Dr. Saldanha Sobrinho.

Em Pythagoras, em Luiz Cormaro, citados pelo illustre facultativo, já vemos a incarnação da sobriedade e temperança.

Aquelle primeiro dizia que a *abstinencia da carne* facilita as operações intellectuaes, pois que é certo que uma alma, como suffocada na *materia grassenta e no sangue*, não pôde elançar-se á ideas elevadas.

O outro, o celebre Veneziano, conseguiu restabelecer sua saude e attingir a edade de cerca de 100 annos, alimentando-se apenas com 12 onças de solido, humectado com 43 de liquidos.

Dizia, em 1836, o Dr. Virey, membro da Camara dos Deputados :—Voyez, en effet, combien sont grossiers et bruteaux ces épais Vitellius qui s'implissent de *viandes*; leur cervelle est encroutée ou ensevelie sous une lourde stupidité; come les idiots voraces ils ne font que se remplir et dormir, puis engendrer à la manière des brutes; car la gourmandise a tué plus d'hommes que l'épée—*plus gula quam gladius*.

Diz-se tambem que Valescus de Tarento prohibia aos gottos o uso da carne, e com esta pratica dietectica conseguia os melhores resultados.

O Dr. J. M. Bourdon, referindo-se á exagerada variedade da mesa em que predominam os acipipes ou alimentos de *origem animal*, disse com muito espirito : «*Le glaive a tué moins d'hommes que l'intérence!*» e, reproduzindo as palavras de Addison : «Lorsque je vois ces tables à la mode, couvertes de toutes les riches productions du monde entier, je m'imagine voir la goutte, l'hydropisie, la fièvre, l'appoplexie, escortées de plusieurs autres maux terribles, embuscade sous chaque mets délicieux.....»

Mas, para que citações aqui, quando a esplendida exposição do Dr. Saldanha Sobrinho abunda nos mais ponderosos e avigorados raciocinios ?

Peço a todos que a leiam de boa vontade e sem idea preconcebida. E os leitores, então se decidiraõ ou pelo *Vegetarismo* ou pela continuaçao do *Zoophagismo*.

Entretanto, ao concluir, peço venia para offerecer á apreciação dos *gourmets* e dos intransigentes sectarios de Lucullo, alguns dos muitos casos apresentados pelo Dr. Ed. Raoux, como resultados da observancia do *regimen vegetariano*:

«O professor Whitecock diz que o Dr. Chyne, que vivia em Londres ha mais de cem annos, curou-se de uma obsidate extraordinaria renunciando o uso da carne, na edade de 40 annos, alimentando-se com leite, pão sem levadura, vegetaas e agua pura, reduzindo deste modo seo corpo, de 448 libras a 440, e conservando-se sã por espaço de mais de 30 annos, por meio deste regimen.

Tendo voltado á carne e notando que se sentia mal, continuou definitivamente na sua alimentação vegetariana».

— «O Dr. Gregory, de Edimburgo, lembrava constantemente, em suas conferencias, o notavel caso do illustre historiador Ferguson, victima diversas vezes de cegueira passageira, depois de atacado de apoplexia e paralysia, na edade de 60 annos. Por conselho de seo amigo, Dr. Blake, tornou-se pythagoriciano rigoroso e sarou; livre de novos ataques, ficou forte e musculoso, vindo a morrer na idade de 93 annos, isto é, mais de 30 annos, depois de seo primeiro ataque de apoplexia».

— «O Dr. Rocobotham refere que um menino de 3 annos, coberto de ulceras, dos pés á cabeça, havia 18 mezes, quasi cego e abandonado, depois de diversos tratamentos, por oito medicos que o declararam incuravel, ficou completamente curado por um regimen vegetal de 4 mezes (de Setembro de 1841 a 1º de Janeiro de 1842)....»

Muitos outros casos desta ordem são citados pelo Dr. Ed. Raoux, que conclue com esta emphatica apostrophe :

«Carnivoros elegantes, gordos e nedios, que tendes cuidados que escaparam do cemiterio, tende mais cuidado de não pre-ceder-lhes na ultima estação da viagem terrestre. Porque os pythagoricianos, de apparencia a mais miseravel, teem algumas vezes uma longevidade latente que causa singular espanto!....»

Queira me desculpar o meo illustre conterraneo, Dr. Salданha Sobrinho, se, embora levado, é verdade, unicamente por um justo sentimento de apreço pela sua pessoa, fui ter a uma *seára alheia*, em que, por certo, á falta de orientação, eu ficaria emmaranhado, se tivesse a afouteza de internar-me nella....

ALFREDO MUNHOZ

Coritiba, Junho de 95.

Colaboradores:

Alfredo Munhoz—Dr. Azevedo Macedo—Dr. Carvalho de Mendonça — Dr. Claudino dos Santos—Dr. Costa Carvalho—Custodio Raposo—Dr. Camillo Vanzolini—Chichorro Junior—Domingos Nascimento—Ernesto Luiz de Oliveira—Emiliano Pernetta—Emilio de Menezes—Dr. Francisco Gonçalves Junior—Dr. Franco Grillo—João Itiberê—João Keating—Dr. João Pereira Lagos—Dr. Justiniano de Mello—Leoncio Correia—Luiz D. Cleve—Padre Alberto Gonçalves—Romario Martins—Rocha Pombo—Sancta Rita—Serafim do Nascimento—Dr. Saldanha Sobrinho—Dr. Trajano Joaquim dos Reis—Dr. Vicente Machado—Dr. Victor do Amaral.

Directores:

Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga.

EXPEDIENTE

O Cenaculo aceita com prazer a collaboração dos estudiosos honestos.

Os artigos anonymous não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para
a rua **Silva Jardim, n. 108.**

E' agente, n'esta Capital, o Sr. Annibal Requião — **Livraria Económica**—Rua Quinze de Novembro, n. 67

Não ha assignaturas.